

ARBITRAGEM FEMININA, UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Bruna Vitória de Almeida; Charles da Costa Bandeira; Leila Cristiane Pinto Finoqueto.

Universidade Federal do Rio Grande

bru_a@hotmail.com

Resumo: Este relato baseia-se em um fato que ocorreu em novembro de 2017 com os autores e busca trazer uma perspectiva acerca da mulher no futebol, mais especificamente na arbitragem. Objetiva-se pesquisar os aspectos que dificultam o desenvolvimento desta prática esportiva por mulheres no Brasil. Bem como, contextualizar a forma que as mesmas são tratadas neste ambiente já que sua presença nos jogos se tornou uma ameaça, podendo desconstruir códigos que foram historicamente embutidos nos papéis sexuais. Os autores arbitraram um campeonato e houve hostilização por parte dos atletas com a mulher que compunha o grupo. Dessa forma, é necessária a produção que debata tais questões para auxiliar na queda dos preconceitos, pois o fato ocorreu durante um evento destinado ao público acadêmico.

Palavras-chave: mulher, futebol, arbitragem, preconceito, gênero.

Práticas escolares, universitárias e de formação docente

Este relato baseia-se em um fato que ocorreu em novembro de 2017 com os autores e busca trazer uma perspectiva acerca da mulher no futebol, mais especificamente na arbitragem.

Os autores foram convidados à fazerem a arbitragem de um campeonato de futsal universitário. Tratava-se de uma Copa Solidária, onde o dinheiro arrecadado com as inscrições seria revertido em compra de brinquedos para a doação em virtude do Natal. O trio de arbitragem foi composto por dois homens e uma mulher que já possuíam experiência com o esporte. Inicialmente, os dois árbitros de jogo, que são os que atuam em quadra, eram os dois homens, enquanto a mesária era a mulher. Notadamente, cada vez que a maioria dos jogadores e técnicos iam à mesa para fazer perguntas agiam de forma rude com a mesária, ou com tom de deboche, ironia e menosprezo. A necessidade por parte dos competidores de deixar claro que se tratava de um ambiente

masculino, e
que a
presença da
mulher na

mesa incomodara. Para Franzini, a presença feminina nos jogos de futebol se torna uma ameaça, considerando que sua participação em massa possa desconfigurar códigos que foram historicamente embutidos nos papéis sexuais, podendo desconstruir a associação do futebol como “coisa para homem” (2005), fazendo com que eles tenham que recorrer a outro espaço para dominar. Entende-se que a participação feminina nesse espaço é cercada de preconceitos socioculturais. No decorrer da competição houve uma troca entre os papéis da arbitragem e a árbitra passou a atuar dentro de quadra. Nesse momento, todos os olhares ficaram voltados a mesma, tanto dentro quanto fora de quadra. As expressões eram de indignação, no geral, e poucas de apoio. Durante a partida a árbitra teve que adotar uma postura ríspida, uma vez que a cada lance os jogadores a enfrentavam com palavras duras. Até que houve uma saída de bola que deveria configurar saída pela linha lateral e a árbitra apontou como fundo de quadra. Tratou-se de um erro que não influenciou o resultado da partida, nem deveria causar tamanha comoção. Porém, foi o suficiente para haver hostilização de todas as partes do ginásio, foram proferidos palavrões à arbitra. A revolta dos jogadores estendeu-se durante toda a partida e ao término, os atletas permaneceram agredindo verbalmente à árbitra e atribuindo sua derrota, que culminou na eliminação do campeonato, a ela. Os seus colegas árbitros tiveram que cercar a moça, pois alguns ameaçaram que iriam agredi-la. A árbitra defendeu-se e enfatizou aos competidores que primeiramente, seu erro não havia influenciado no resultado final, tampouco os prejudicado de forma exacerbada, e também, que se tratava de uma competição com fim solidário. Porém, tanto jogadores quanto a torcida foram cruéis e agressivos até a saída da árbitra do ginásio.

Para entendermos o comportamento acima citado é necessário fazer considerações acerca do futebol no Brasil

Objetiva-se pesquisar os aspectos que dificultam o desenvolvimento desta prática esportiva por mulheres no Brasil. Bem como, contextualizar a forma que as mesmas são tratadas neste

ambiente já
que sua
presença nos
jogos se

tornou uma ameaça, podendo desconstruir códigos que foram historicamente embutidos nos papéis sexuais.

A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença "futebol é coisa para macho", bem como em tiradas jocosas reveladoras de vivo preconceito.

O jornalista Sérgio Cabral conta que, perguntado certa vez sobre o que achava do futebol feminino, o comentarista esportivo e ex-técnico João Saldanha disse ser contra — e justificou, com sua língua ferina:

“Imagina, o cara tem um filho, aí o filho arranja uma namorada, apresenta a namorada ao sogro e o sogro pergunta a ela:
‘O que você faz minha filha?’
E a mocinha responde:
‘Sou zagueiro do Bangu’.
Quer dizer que não pega bem, não é.” (FRANZINI, 2005)

Os autores arbitraram um campeonato e houve hostilização por parte dos atletas com a mulher que compunha o grupo.

Dessa forma, é necessária a produção que debata tais questões para auxiliar na queda dos preconceitos, pois o fato ocorreu durante um evento destinado ao público acadêmico.

A análise dos estudos permitiu a constatação que ainda se tem muito preconceito no futebol feminino. E que as diversas manifestações de preconceito têm raízes históricas e culturais. É possível perceber também que as condutas sexistas no esporte são ressonâncias de nossa estrutura social dicotomizada em relação ao gênero.

Os aspectos socioculturais que fundamentam estas formas de preconceito são o mito do sexo frágil, e as ideais de incapacidade e incompetência atlética feminina. O controle biológico da aparência corporal da mulher pode ser apontado como o argumento mais utilizado para proibir o desencorajar a participação feminina no futebol.

Entendemos que é necessária a produção acadêmica que debata tais questões para auxiliar na queda dos preconceitos.

REFERÊNCIAS

Conselho Nacional De Desportos, deliberação nº 7. Disponível em <<http://cev.org.br/biblioteca/deliberacao-n-7-2-agosto-1965/>>

DARIDO, S. C; SOUZA. O. M. J. *A prática do futebol feminino no ensino fundamental*. Motriz, Rio Claro, v. 8, n.1, p. 1-8, 2002.

Decreto Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm>

ESPN. Mario Marra critica machismo no lançamento do uniforme do Atlético MG. Disponível em <http://espn.uol.com.br/video/578135_mario-marra-critica-machismo-no-lancamento-de-uniforme-do-atletico-mg-desnecessario>

FRANZINI, F. Futebol é “coisa de macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELNER, S. A primeira árbitra de futebol credenciada pela FIFA é brasileira. Disponível em <<https://historiadesporte.wordpress.com/2014/12/14/a-primeira-arbitra-de-futebol-credenciada-pela-fifa-e-brasileira/>>.

Site UOL. Primeira árbitra da elite do Alemão estreia bem e acerta em lance crucial. Disponível em <https://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/alemao/ultimas-noticias/2017/09/10/primeira-arbitra-da-elite-do-alemao-estrela-bem-e-acerta-em-lance-crucial.htm>.